Criminoso, mentecapto ou ambas as coisas?

Olavo de Carvalho

Um sr. Gustavo Moreira, que se diz historiador e que a condescendência de seus pais talvez aceite como tal, ainda que num sentido muito elástico e generoso do termo, tem dedicado à minha pessoa mais atenção do que jamais imaginei merecer. Imprimi alguns dos artigos que ele escreveu contra mim e somavam 70 páginas em formato A4, o que corresponde a umas 120 páginas de livro.

Por mais débil e apagada que seja a personalidade intelectual do referido, seria uma crueldade deixar tão devoto detrator falando sozinho, sem direito a uns míseros quinze minutos de atenção da parte daquele que o fez perder tantas noites de sono.

Infelizmente, à volúpia de falar contra mim não corresponde, na mente do sr. Moreira, um equivalente interesse por ler aquilo que escrevo. A totalidade das fontes textuais em que ele apóia seu extenso julgamento da minha obra e da minha pessoa não ultrapassa umas trinta linhas, espalhadas em artigos e comentários radiofônicos. Talvez em compensação, inclui algumas frases extraídas de outros autores, como Júlio Severo, Graça Salgueiro e o deputado Bolsonaro, que aparentemente ele imagina serem a minha própria pessoa multiplicada em clones, dublês, pseudônimos, duplos etéricos ou coisa assim.

Mais ainda, a enxurrada de palavras que ele despeja sobre a minha cabeça não versa sobre nada da minha filosofia, nem da minha obra educacional, nem da variedade de estudos que realizei sobre tópicos de literatura, religião e história cultural. Enfoca exclusivamente algumas opiniões esporádicas que emiti sobre a escravidão islâmica, um assunto muito distante das minhas preocupações centrais.

Mesmo supondo-se que aquelas trinta linhas estivessem repletas de asneiras, preconceitos e erros escabrosos, catalogar ideologicamente o autor de doze livros publicados e não menos de trinta mil páginas de apostilas transcritas de cursos e conferências, condená-lo *in totum* e negar-lhe até mesmo a condição de filósofo com base tão-somente naquela amostragem microscópica já seria um feito divinatório notável, capaz de reduzir Mãe Dinah a um humilhante segundo lugar.

Aliás, a propósito de assuntos africanos foi que Georg W.-F. Hegel escreveu balelas depois desmentidas *in loco* pelo antropólogo Leo Frobenius. Nem mesmo os críticos mais ferozes de Hegel tiveram jamais a idéia de condenar sua obra com base nessas páginas, sem ter lido as outras.

Mas o sr. Moreira, com aquela valentia fácil de quem não sabe onde está se metendo, não recua diante desse desafio.

Decerto um dos motivos pelos quais ele não hesita em arriscar tão temerariamente sua reputação acadêmica é o fato de que não tem nenhuma. Não encontro na *internet* qualquer menção a livros de sua autoria, e uma breve consulta ao *site* do *Lattes* fornece o currículo de vários Gustavos Moreiras que não são ele. A existência acadêmica e até física do sr. Moreira era inteiramente confidencial até que a breve menção que fiz a ele no meu programa de rádio atraísse para o seu *blog*, como ele próprio veio a confessar, o número surpreendente de 1.300 visitantes, decerto a maior glória que ele já alcançou nesta vida.

Meu currículo, ao contrário, é um documento público, onde constam realizações, prêmios, louvores da crítica e reconhecimentos acadêmicos, que o sr. Moreira não poderá igualar mesmo que viva muitas vidas. E todos eles, para grande indignação desse meu crítico, foram obtidos “sem diploma”. O sr. Moreira, que tem lá o seu sem que ninguém no mundo acadêmico internacional,

nacional estadual, municipal ou distrital ligue a mínima para isso, tem razão de se queixar. Ó mundo injusto!

Talvez consciente de uma penúria curricular que pode levar o leitor às lágrimas, o sr. Moreira não se fia muito nos seus próprios argumentos e prefere apoiá-los em extensas citações de autoridades na matéria, que ele escaneia diretamente das páginas de livros e reproduz no seu *site*.

Essa medida seria prudentíssima e louvável, se não fosse pelos seguintes inconvenientes:

Primeiro. Numa discussão que versa sobre escravidão islâmica, quantos estudos especializados sobre esse assunto aparecem na bibliografia citada? Nenhum. Ou são livros sobre o tráfico atlântico, que só mencionam o concorrente islâmico de passagem, ou são obras históricas genéricas sobre a escravidão africana, que não concedem ao caso islâmico a atenção detalhada que se requer para uma discussão atualizada do tema (é o caso de *A Manilha e o Libambo*, de Alberto da Costa e Silva, obra aliás notável sob outros aspectos, que trata do caso islâmico numas poucas páginas no meio de um total de oitocentas).

Segundo. Das obras estrangeiras, a mais recente que ele cita é de 1999 – a de Paul Lovejoy, publicada em tradução brasileira em 2002, alheia portanto a tudo o que se descobriu da escravidão islâmica nos últimos treze anos. Para piorar as coisas, Lovejoy, por sua vez, baseia-se em estatísticas dos anos 70 – o hiato entre suas opiniões e as pesquisas recentes amplia-se, portanto, de treze anos para quatro décadas.

Terceiro. O homem confessa que mal passou na seleção de mestrado arranhando um pouco de espanhol e de francês e aceita, até com certo orgulho, o rótulo de “erudito monoglota”, sem notar que é um oxímoro proposital. Nessas condições, não tem mesmo acesso à bibliografia especializada mais recente, que não chegou ao Brasil. Claramente ele ignora *todas* as obras que citei no programa *True Outspcak* de 25 de julho, e ainda cai na esparrela de alegar contra elas, de novo, os dados que havia encontrado em obras anteriores, os quais justamente elas contestam e impugnam sem que ele o saiba.

Quarto. Os procedimentos bibliográficos do cidadão são um tanto exóticos. Nada sabendo do antropólogo africano Tidiane N’Diaye, que citei naquele programa, e não tendo condições de lê-lo na edição francesa, o elemento vasculhou rapidamente a *internet* e ficou todo feliz de encontrar um vago homônimo, Pap Ndiaye, brandindo-o vitoriosamente contra mim, sem nem sequer notar que este Ndiaye mal tem com o primeiro a semelhança do nome: jamais publicou qualquer estudo sobre a escravidão islâmica e nem sequer esteve na África, sendo *toda* a sua carreira de erudito voltada à condição dos negros nos *Estados Unidos e na França*. Aliás, nesse mesmo ponto o anseio histórico de autojustificação leva o rapaz a fazer de si próprio o objeto de uma piada involuntária, ao dizer que estava impedido de ler o verdadeiro N’Diaye por encontrar-se convalescente de uma operação na bacia. Não entendo como a recuperação do seu órgão sentante poderá ajudá-lo a entender melhor uma língua da qual ele acaba se confessar que não sabe nada, ou quase nada -- mas, afinal, cada um lê por onde pode, não é mesmo?

Quinto. Para provar que estou redondamente enganado ao dizer que um debate mais fundamentado sobre a realidade sobre a escravidão islâmica é coisa muito recente, datando dos últimos quinze anos, o sr. Moreira me esfrega na cara, com os ares triunfais de sempre, o fato de que estudiosos anteriores a esse período, como Lovejoy e Costa e Silva, já haviam tratado do assunto. Nem lhe passa pela cabeça que tratar do assunto nos anos 70, 80 ou 90 é uma coisa, estar atualizado com os dados mais recentes é outra totalmente diversa. E uma terceira ainda é saber que estes dados contradizem muitas opiniões correntes entre os que haviam “tratado do assunto” anteriormente, nos quais o sr. Moreira continua a confiar como se tivessem dito a última palavra a respeito. Na verdade, todos os principais estudiosos que lidaram com essa matéria nos últimos anos se queixam, como Herbert S. Klein, de que “*mesmo hoje, malgrado um quarto de século de pesquisas internacionais*

sofisticadas, o fosso entre a opinião comum e o conhecimento erudito permanece tão profundo quanto no momento em que o tráfico de escravos foi colocado em questão nos círculos cultos da Europa, no século XVIII. Ai não houve somente o fracasso do diálogo entre os universitários e o público letrado, mas houve também uma surpreendente ignorância no seio mesmo do mundo acadêmico". Já em 2004 Olivier Pétré-Grenouilleau observava: "*Enquanto o 'cidadão comum' e o não-especialista acreditam, com frequência, tudo saber a respeito [do tráfico de escravos], mitos e lendas persistem, ao passo que espessas brumas continuam a obscurecer aspectos essenciais.*"¹

Ora, nunca pretendi ser nada mais que um mero "cidadão comum" alheio aos estudos especializados, mas a ninguém esse rótulo cabe mais apropriadamente do que ao monoglota cujas fontes de informação estão limitadas ao mercado editorial popular de um país notoriamente deficiente nessa área, aonde as obras chegam, quando chegam, com trinta ou quarenta anos de atraso. Este sim está reduzido a papaguear "mitos e lendas", sem ter a menor idéia de que ninguém mais, nos meios científicos, lhes dá o menor crédito.

A própria candura real ou fingida com que ele cita estudos mais antigos para fazer de conta que assim compensa seu desconhecimento dos dados recentes mostra que sua visão do assunto não é de maneira alguma a de um estudioso acadêmico sério, mas apenas o de um discutidor barato empenhado em validar, por todos os meios lícitos e ilícitos, a ideologia terceiromundista que faz do tráfico transatlântico o flagelo supremo e atenua, capciosamente, os crimes bem maiores cometidos pelos muçulmanos contra a população africana.

Antes de mentir sobre a escravidão islâmica, o sr. Moreira prepara o terreno com uma espécie de *captatio benevolentiae* às avessas, mentindo sobre a minha pessoa. No seu artigo "Balelas de Olavo de Carvalho"², de 25 de abril, ele começa assim:

Olavo de Carvalho, "filósofo e jornalista sem diploma", é uma das maiores celebridades conservadoras da Internet, na qual constantemente se queixa da falta de reconhecimento institucional

Desafio o sr. Moreira a mostrar uma única frase minha onde eu me "queixe da falta de reconhecimento institucional". Bem ao contrário, tenho dito e repetido que títulos concedidos por qualquer universidade brasileira, nas áreas de filosofia e ciências humanas, não valem nada como provas de capacitação intelectual. Veremos adiante como o próprio sr. Moreira é mais uma prova disso, entre milhares.

Além disso, reconhecimento, da parte de instituições e pessoas verdadeiramente qualificadas, nunca me faltou. O Instituto Brasileiro de Filosofia, a *Maison des Sciences de l'Homme*, o *First World Congress and School on Universal Logic* (Montreux, Suíça, 2005), a *Georgetown University*, o *New Europe College* de Bucareste, sem contar celebridades internacionais no campo da filosofia como Miguel Reale, Alexandre Costa Leite, David Walsh, Jean-Yves Béziau, Romano Galeffi e tantos outros que me honraram com convites para aulas e conferências, quando não com louvores expressos, são com toda a evidência mais qualificados para julgar o meu trabalho do que a universidade que concedeu o título de "historiador" a um monoglota confesso, incapacitado para atualizar-se com a bibliografia da sua profissão. Quando se considera que sem o domínio cabal de pelo menos uma língua estrangeira o estudante não pode ser aprovado nem num exame vestibular,

¹ Olivier Pétré-Grenouilleau, *Traites Negrières. Essai d'Histoire Globale*, Paris, Gallimard, 2004. Não sou sádico o suficiente para fazer as citações na língua original, forçando o meu eruditíssimo detrator a pedir socorro.

² V. <http://gustavoacmoreira.blogspot.com.br/2012/04/balelas-de-olavo-de-carvalho-arabes.html>

um título de mestrado concedido nessas condições é em si mesmo um escândalo que bem denota o estado das nossas universidades.

e produz teorias da conspiração em doses generosas. Previsivelmente, em boa parte de seus artigos os muçulmanos ocupam o papel de vilões, de ameaça constante à civilização ocidental. Todavia, no afã de combater o “inimigo”, ele não economiza disparates e juízos de valor que mais caberiam ao chefe de uma torcida organizada.

A tentativa grotesca de me expor à execração pública como inimigo visceral do Islam é uma prova cabal de que o sujeitinho se imagina qualificado para me julgar e condenar sem ter sequer examinado por alto o meu currículo, onde consta o prêmio recebido do governo da Arábia Saudita por um estudo sobre as origens do Islam (v. <http://www.olavodecarvalho.org/english/1Resume.pdf>), e aliás sem ter tido nem mesmo o cuidado de procurar, no meu *site*, outras menções à civilização islâmica, para ver se confirmam a imagem de detrator sectário que ele deseja pintar de mim. Se tivesse o mínimo indispensável de idoneidade requerido para ler os escritos de um autor antes de vociferar contra ele, o infeliz teria encontrado, entre outras amostras, as seguintes:

“Na verdade, o Islã, acusado de sectarismo estreito, é a mais ecumênica das religiões: na sua doutrina da sucessão dos profetas, de Adão a Maomé, estão incluídas e legitimadas todas as religiões monoteístas, concebidas como patamares históricos de uma revelação única que culmina na “Laylat-al-Qadr”, a “Noite do Poder”, quando o Arcanjo Gabriel começa a ditar a Maomé os versículos do Corão.”

“...essas considerações impugnaram a tirada antimuçulmana com que o historiador Paul Johnson deu substancial ajuda involuntária tanto aos inimigos do Islã quanto aos de Israel e do Ocidente. Pretendendo demonstrar a radical hostilidade do Islã às demais religiões, especialmente ao cristianismo, Johnson citou a Sura IX:5: “Matai os idólatras onde quer que os encontréis, e capturai-os, e cercai-os e usai de emboscadas contra eles”. Mesmo em seu sentido mais geral possível, o termo “idólatras” não se aplica aos povos monoteístas. Nessa passagem em especial, ele se refere aos politeístas de Meca mencionados no versículo anterior”³.

“Depoimentos e mais depoimentos, documentos e mais documentos comprovam que o radicalismo muçulmano não brotou espontaneamente da sociedade islâmica, da cultura islâmica, mas foi criado pelos serviços de inteligência soviéticos e é ainda alimentado e monitorado por agentes russos⁴. Apesar disso, o governo americano continua tratando Vladimir Putin como parceiro confiabilíssimo, enquanto os intelectuais conservadores produzem toneladas de retórica piedosamente cristã para lançar a culpa do terrorismo em tradições corânicas de quatorze séculos, ajudando a ação da KGB-FSB a recobrir-se da camuflagem islâmica que, precisamente, estava nos seus planos desde o início. (“Burrice americana”, Mídia Sem Máscara, 11 jul 2012, <http://www.midiasem mascara.org/artigos/internacional/estados-unidos/13224-burrice-americana.html>.)

No artigo “Três pistas falsas”, publicado em *Época* em 29 de setembro de 2001, menos de duas semanas após o atentado ao World Trade Center, que despertava ódio anti-islâmico por toda parte, eu escrevia:

“Explicar os atentados como efeitos do fanatismo, da belicosidade ou do atraso da religião islâmica é talvez o erro mais grave de todos, pois fomenta um conflito geral entre o Islã e o Ocidente.”

³ V. “Guerra de religião?”, *Época*, 20 de outubro de 2001, <http://www.olavodecarvalho.org/semana/greligiao.htm>.

⁴ Leia Ion Mihai Pacepa em <http://www.nationalreview.com/articles/218533/russian-footprints/ion-mihai-pacepa> e Claire Berlinski em <http://www.tabletmag.com/jewish-news-and-politics/103576/the-cold-wars-arab-spring>.

O esforço do sr. Moreira para me retratar como fanático antimuçulmano é, portanto, algo mais que mera desonestidade intelectual. É um **crime de difamação** em toda a linha.

Fique claro desde o início, portanto, que não estou aqui discutindo com um adversário intelectual, mas com um criminoso chinfrim, o qual, no intuito de jogar contra mim a comunidade islâmica que tanto prezo e respeito, não hesita em me atribuir opiniões que não tenho e que são de sua própria invenção exclusivamente.

Refratário a Barack Obama, a quem acusa alternadamente de ser muçulmano, comunista e queniano...

Desde logo, nunca escrevi nem disse que Obama tivesse nascido no Quênia. Dou ao sr. Moreira um prazo de dez anos – ou de um século, se ele quiser -- para localizar, nos meus escritos e emissões de rádio, qualquer afirmativa minha nesse sentido.

Com relação aos termos “muçulmano” e “comunista”, o advérbio “alternadamente” dá a entender que se trata de qualidades mutuamente excludentes e contraditórias, que às tontas atribuo a Barack Obama, no puro intuito de dizer alguma coisa, qualquer coisa, contra a criatura. Na verdade, nunca escrevi que Obama fosse nem uma coisa, nem a outra. Escrevi, sim, que ele trabalha em favor de um esquema de poder internacional em que se aliam, contra os EUA, comunistas e radicais islâmicos (não “muçulmanos” *tout court*). A existência desse esquema é notória. Para o cidadão comum desinformado, que entende as sentenças apenas pelas acepções nominais dos termos, sem referência aos fatos subentendidos que ele desconhece, os qualificativos de “muçulmano” e “comunista” podem soar mesmo contraditórios, dando a impressão de que sou um louco empenhado em xingar Barack Obama *per fas et per nefas*. O sr. Moreira usa aí da própria ignorância como instrumento para explorar a ignorância alheia. O procedimento é caracteristicamente difamatório e não é de maneira alguma aceitável numa discussão intelectual séria.

Após esse começo triunfal, que retrata o seu autor muito mais claramente do que a mim, ele qualifica de “pérola” a seguinte afirmativa que encontrou num artigo meu⁵: “O Islam... é a cultura mais escravagista dos últimos dois milênios.”

Essa afirmativa bastou para que o sr. Moreira acreditasse, ou fingisse acreditar, que via em mim um inimigo jurado da civilização islâmica. Como já expliquei, ele nem mesmo tentou confirmar essa impressão mediante a consulta a outros textos meus, que a desmentem frontalmente. Deduzir de uma afirmação isolada um perfil ideológico inteiro, caracterizando-o como uma tomada de posição unilateral e até fanática, é um procedimento típico de quem está, ele próprio, infectado de veneno ideológico ao ponto de nem de longe conseguir vislumbrar que a vítima de seus ataques pode ser um intelecto equilibrado, capaz de perceber aspectos contraditórios no seio da realidade e admitir, como no caso, que uma civilização possa ser ao mesmo tempo portadora de valores universais e autora de crimes abomináveis. O ódio do sr. Moreira à civilização cristã é que é inteiramente coerente consigo mesmo, um bloco sólido onde não há espaço para atenuantes e concessões. É evidentemente que ele me imagina à imagem e semelhança dele próprio, apenas com signo invertido.

Seguem-se várias páginas, nas quais, baseado em dados que Paul Lovejoy extraiu de estatísticas colhidas entre 1970 e 1979, o sr. Moreira conclui que o tráfico muçulmano e o ocidental fizeram aproximadamente onze milhões de escravos cada um, donde,

“na melhor das hipóteses para Olavo de Carvalho, o quadro seria de um tenebroso empate técnico.”

⁵ V. www.olavodecarvalho.org/semana/081009dc.html

Sim, seria, mas só se os estudos a respeito, como os conhecimentos que dele tem o sr. Moreira, tivessem parado em 1979. Desde então, descobriram-se algumas coisinhas. Vejamos algumas, só a título de amostras:

1. Os traficantes muçulmanos não levaram para seus países 11 milhões de escravos. Levaram entre 15 e 17 milhões.

2. Sete séculos antes que os europeus chegassem à África, os muçulmanos foram os genuínos inventores do tráfico negreiro. Antes deles, praticamente não havia escravidão naquele continente. O que havia era um regime de servidão, semelhante ao do feudalismo europeu, onde o servo, malgrado a posição social inferior, tinha sua renda própria, estava vinculado ao seu senhor por um juramento de fidelidade mútua e em geral era considerado um membro da família. Os árabes não só introduziram ali a escravidão em larga escala, mas criaram todo um sistema comercial de dimensões continentais, devastando comunidades e nações, demolindo estruturas sociais milenares e infectando de espírito escravagista, primeiro alguns indivíduos e grupos locais, depois povos africanos inteiros, que com o decorrer do tempo acabaram aprendendo, como o malfadado reino de Oyos no século XVIII, a se tornar aprisionadores de seus irmãos.

3. Pelo menos oito séculos antes que idéias semelhantes ocorressem aos europeus, os muçulmanos foram os primeiros a criar e disseminar, em todas as classes sociais, da intelectualidade ao povão, teorias da inferioridade racial dos negros para justificar a escravização em massa dos povos africanos. O sr. Moreira leu o artigo em que demonstro isso, já que o menciona numa de suas críticas. Mas, espertamente, desviou os olhos do assunto central ali abordado para concentrar-se numa afirmação de passagem que fiz sobre a invasão da Etiópia (voltarei ao assunto mais adiante). Ora, a simples prioridade temporal e ampla disseminação social do racismo antinegro nos países islâmicos já bastaria para demonstrar, mesmo sem os dados suplementares aqui fornecidos, que “o Islam foi a cultura mais escravagista dos últimos dois milênios”. O sr. Moreira fez bem em fugir do assunto, lendo do artigo só as partes que julgava poder contestar.

4. Dos escravos negros que vieram para a América, a quase totalidade não foi aprisionada por europeus, mas por muçulmanos. O escravo, quando é vendido, simplesmente troca de dono. A condição de escravo lhe advém desde o instante mesmo da sua captura. Antes de ser escravos de portugueses, espanhóis ou franceses, os africanos que eles compraram foram escravos de árabes. O total de escravos aprisionados e vendidos por muçulmanos sobe, portanto, para a casa dos 25 milhões, na mais branda das hipóteses. O equivalentismo numérico do sr. Moreira é, em toda linha, uma trapaça.

No arrebatamento da sua fúria anti-ocidental, o sr. Moreira exclama:

“A transferência de mais de 6 milhões de homens e mulheres da África para a América, somente no século XVIII, é um processo sem paralelo na História, que não pode ser minimizado ou justificado.”

Tem razão. Não pode ser minimizado ou justificado. Mas pode ser comparado. Afinal, o que o sr. Moreira propõe não é precisamente uma comparação, na qual o Ocidente sai com a pecha de malfeitor supremo, muito pior que os muçulmanos? Pois façamos a comparação.

É de fato uma crueldade abjeta jogar pessoas no fundo de um porão de navio, para que atravessassem o oceano deitadas num chão de madeira, em condições de higiene abaixo de deploráveis. Mas que é isso, comparado ao crime hediondo de fazê-las caminhar milhares de léguas entre florestas e desertos, atravessar às vezes um continente inteiro com os pés sangrando, atadas umas às outras por ferros e cangas, sob o chicote do feitor, para chegar ao porto onde o porão da caravela portuguesa ou espanhola, uma vez atingido esse paroxismo de sofrimento, era ao menos uma promessa de descanso?

Tal é mais uma diferença entre o tráfico muçulmano e ocidental, que o sr. Moreira, cego de ódio à civilização cristã, não quer ou não pode enxergar.

Incapaz de contestar essa diferença, o sr. Moreira tenta lançar uma cortina de fumaça sobre a realidade, alegando que no século XV, antes mesmo da sua chegada oficial à África, portugueses andaram capturando escravos negros em vez de comprá-los dos árabes. Em apoio desta afirmação, ele reproduz um trecho do renomado historiador Charles R. Boxer, segundo o qual, diz o sr. Moreira, “antes da metade do século XV, quando os europeus ainda não haviam chegado a Angola, os portugueses já promoviam razias em busca de escravos na África Ocidental e nas Ilhas Canárias”. E aí o charlatanismo visceral do sr. Moreira chega a um de seus pontos altos, recorrendo ao expediente de citar um texto na esperança de que o leitor não o leia, ou só leia o começo, e não perceba, portanto, que ele diz o contrário do que se pretende fazê-lo dizer. Pois Boxer afirma, sim, que os portugueses fizeram aquelas razias, mas, conclui ele: “Depois de alguns anos de contato com as populações negras da Senegâmbia e da Alta Guiné, os portugueses compreenderam que poderiam obter escravos muito mais facilmente através da troca pacífica com os chefes e mercadores locais.” Ou seja: após algumas investidas esporádicas, pararam de capturar escravos e passaram a comprá-los durante quatro séculos. E de quem poderiam comprá-los, senão de quem os havia capturado? O texto confirma o que eu disse, não o que o sr. Moreira pretende insinuar com um blefe pueril.

Sendo impossível contestar a quase completa ausência de europeus nas investidas para captura de escravos, o sr. Moreira procura minimizar a diferença moral entre ocidentais e islâmicos explicando aquela ausência por meras dificuldades materiais. A manobra mal calculada leva-o porém a dar com a língua nos dentes ao proclamar, logo antes da citação fraudulenta de Charles Boxer:

“Lamento decepcionar as olavetes. É óbvio que o tráfico ‘consentido’ para o Ocidente [ele se refere a escravos comprados] superou em muito a captura direta, pois não haveria meios para apanhar mais de 11 milhões de pessoas a laço em menos de quatro séculos.”

Ele não poderia nos fornecer uma prova mais evidente da sua condição de analfabeto funcional, incapaz de entender o que escreve. Se o tráfico europeu comprou onze milhões de escravos mas não poderia tê-los capturado diretamente, de quem mais poderia tê-los comprado se não de quem os havia capturado antes? E se onze milhões de pessoas que estavam à venda não poderiam ter sido capturadas em quatro séculos, então seus antepassados já tinham sido capturadas ao longo de muitos séculos anteriores e suas famílias tinham vivido como escravas, de geração em geração, durante todo esse tempo. O tráfico ocidental inteiro, nessa perspectiva, surge como um mero apêndice do escravismo muçulmano. O sr. Moreira nem de longe se dá conta de que, com esse raciocínio de mentecapto, ele prova a minha tese em vez de refutá-la. Felizmente, não preciso desse tipo de ajuda. Posso argumentar perfeitamente bem por minha própria conta, sem me prevalecer da exploração de incapazes.

Mesmo atentando só para o aspecto quantitativo da coisa (há outros aspectos até mais graves, que veremos adiante), não há como refutar a conclusão de Tidiane N’Diaye:

“Podemos sustentar, sem risco de erro, que o comércio negreiro arábico-muçulmano e as jihads provocadas por esses impiedosos predadores para obter cativos foram, para a África negra, bem mais devastadores que o tráfico transatlântico.”⁶

⁶ Tidiane N’Diaye, *Le Génocide Voilé. Enquête Historique*, Paris, Gallimard, 2008, p. 11.

Guardo para mais adiante a bibliografia comprobatória, que já citei parcialmente no meu programa de rádio, e que é inútil, em todo caso, para o sr. Moreira, o qual terá de aguardar sua tradução por umas três ou quatro décadas. Só para adiantar o expediente, forneço aos demais leitores a indicação de alguns documentários, consciente de que também de nada servem para o sr. Moreira, já que vêm em inglês ou francês:

- *Le genocide voilé*: <http://www.youtube.com/watch?v=jcIcd3T2BMw&feature=related>
- *La traite négrière arabo-musulmane*:
http://www.youtube.com/watch?v=_69SYY8O9cY&feature=related
- *L'esclavage des noirs par les arabes*:
<http://www.youtube.com/watch?v=yZaphlEBaRo&feature=related>
- *Hypocrisie sur l'esclavage arabe*:
<http://www.youtube.com/watch?v=RyxuEKsy0dI&feature=related>
- *Les esclaves oubliés*: <http://video.google.com/videoplay?docid=2975974957393030640>
- *Slaves for the Middle East*: <http://kitmantv.blogspot.com/2009/10/slaves-for-middle-east.html>
- *Esclavage islamique sur les populations africaines*:
<http://www.youtube.com/watch?v=iVIglDEKVIc&feature=related>
- *L'esclavage arabo-musulmane en Afrique noire*:
<http://www.youtube.com/watch?v=CWhWQwJI8QE&feature=related>